

O corpo-escrita de Agda: prelúdios niilistas em Hilda Hilst

Davi Andrade Pimentel*

Resumo

No espaço da narrativa, a escrita-corpo, representada pela personagem Agda, deseja uma nova roupagem discursiva antes de se tornar coisa, material retrógrado e inútil; porém, esse desejo de abandonar o velho para requerer o novo tem um ônus, o eterno retorno, que figura a essência e a impossibilidade do niilismo, bem como a impossibilidade da morte na escrita hilstiana. Desse modo, este artigo analisa a primeira narrativa, “Agda”, do livro **Kadosh**, de Hilda Hilst, na perspectiva do niilismo nietzschiano, uma vez que a proposta de renovação a partir da destruição de valores antigos em favor de novos valores pode ser observada nesse texto.

Palavras-Chave: Hilda Hilst; Niilismo; Escrita; Morte; Maurice Blanchot.

A disposição das narrativas na obra **Kadosh** apresenta-se da seguinte maneira: “Agda”, “Kadosh”, “Agda” e “O oco”. Neste ensaio, privilegiaremos a primeira narrativa; entretanto, para não causar uma dispersão ou uma confusão no ato da leitura, nomearemos de “Agda I” a primeira narrativa e de “Agda II” a segunda narrativa. Em “Agda I”, presenciemos um discurso degenerado, velho e rançoso, em que o tema central é a degradação do corpo, os desejos arrefecidos e a busca por uma renovação enquanto matéria de escrita; em contrapartida, em “Agda II”, temos a beleza quase mítica da mulher Agda e as suas questões sobre o corpo e a eternidade, aliadas ao caráter divinatório, bem como a uma remodelação ou a uma reestruturação do corpo.

Em nosso estudo, pontuamos que exista nessas duas narrativas um processo de renovação, de nova montagem, em que se destaca a indestrutibi-

* Universidade Federal do Ceará.

lidade da escrita ou, como sugere Blanchot, a impossibilidade da morte da escrita literária. (BLANCHOT, 2007). A personagem de “Agda I”, em nossa interpretação, é a personagem de “Agda II” renovada, com novos valores e com uma nova arqueadura corporal, resguardando a essência da escrita, representada pela essência da personagem, que não muda de nome, mas de estrutura física. No final do primeiro texto e no segundo texto como um todo, há a renovação da escrita antes que o efeito degenerador cubra por completo a estrutura da narrativa e a faça esmorecer numa torrente de coisificação, haja vista que ao envelhecer, Agda envelhece o que a cerca, pondo a narrativa num movimento cadenciado, desacelerado, quase que parado: “tudo baço baço, e as mãos, olha as mãos, chama-se a isso ceratose.” (HILST, 2002, p. 17). Nesse exato momento em que o discurso está prestes a se tornar coisa, a escrita se renova, perdendo os valores alcançados e construindo outros, como observamos no segundo texto. Ou seja, as duas narrativas são uma só, porém, separadas estruturalmente no corpo da obra. Observamos isso à medida que pontuamos a ideia de degeneração e de renovação, como também a igualdade dos nomes das personagens e algumas referências pertencentes às duas narrativas, tanto à “Agda I”, quanto à “Agda II”. Essa quebra de valores antigos e surrados, repugnados e destruídos, em favor de uma maior liberdade de criação assemelha-se ao niilismo proposto por Nietzsche.

De acordo com Blanchot, no capítulo “Reflexões sobre o niilismo”, que se encontra na obra **A conversa infinita II: a experiência-limite** (BLANCHOT, 2007), o niilismo de Nietzsche, embora tenha ganhado o aspecto de pessimismo e de algo ruim, é, na verdade, um princípio de novo começo, seria a única salvação para o homem, onde se destruiriam os valores antigos e se construiriam novos valores que pudessem despertar a virilidade perdida dos homens: “Nietzsche, com uma alegria que foi o único a sentir tão puramente e a exprimir tão plenamente, viu, nesse movimento de infinita negociação que nos retira toda base firme, a abertura sobre o espaço repentinamente ilimitado do conhecimento.” (BLANCHOT, 2007, p. 105)

A liberdade de composição que Blanchot atribui ao niilismo pode ser percebida na escrita hilstiana, quando a mesma renova-se, derruindo todos os valores antigos e apostando nos novos. A vontade de liberdade da escrita

hilstiana tem o ilimitado como horizonte. O mais interessante na leitura de Nietzsche é que as ideias de liberdade e de rupturas de valores se dão e se concretizam melhor na tessitura do discurso literário do que nas malhas sociais em que o teórico focou a sua ideia avassaladora. É certo que Nietzsche, nas obras **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro (2005) e em **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres (2001), não menciona recorrentemente a palavra niilismo; porém, podemos, na medida em que lemos os seus aforismos, pinçar as ideias sobre essa revolução ou valorização do seu discurso acerca dos tempos áureos, que virá com a recepção integral ao niilismo pelo mundo degradante, já que essa, segundo o filósofo, é a única saída do rebanho de homens guiados pelo poder da moral. A leitura das duas novelas terá como escopo teórico as ideias nietzschianas, pois os pensamentos sobre o niilismo, sobre a moral e sobre a inutilidade da verdade, para citar algumas, são mais bem acolhidas na literatura do que no espaço social.

Antes de nos determos no niilismo que ocorre na escrita hilstiana, faz-se necessário entendermos o niilismo para Nietzsche e o porquê da sua necessidade. O mundo é visto pelo filósofo como um imenso rebanho de homens guiado pela moral e por algumas instituições, que necessitam do homem servil e obediente para poderem subjugá-lo. O homem servil, alienado, é um ser fraco em que a vontade de poder é quase inexistente e, sem a existência dessa vontade, o homem perecerá cada vez mais e se tornará cada vez mais igual aos demais. A vontade de poder, segundo Nietzsche, é o que diferencia o homem do restante dos animais e dos homens medianos, é essa força que o faz heterogêneo e único perante os demais, visto que o homem nobre, o homem do futuro, é aquele que saberá diferenciar-se dos demais pela vontade de poder e aquele que não assumirá uma postura única e, muito menos, uma verdade absoluta, e sim manterá uma posição além do bem e do mal: “Tenham cuidado, filósofos e amigos do conhecimento; evitem o martírio! O sofrimento ‘pela verdade’!” (NIETZSCHE, 2005, p. 29). O bom filósofo e o bom escritor são aqueles que se despem da armadura da verdade, pondo-se nus a interrogações e a buscas de conhecimentos, haja vista que a filosofia da verdade é uma grande tragédia.

E o que move o mundo corrente para que ele continue degradante?

A moral, ou melhor, as leis que ordenam o viver dos homens de uma maneira insidiosa, a torná-los iguais. Não há igualdade para Nietzsche, mas hierarquias que sustentam o mundo. A moral foi um meio criado para a homogeneização da cultura e do livre pensar. Os homens, em vez de espíritos livres, tornaram-se cordeiros de rebanho. A moral denigre o homem, calcifica-o, desmoralizando-o quando retira a sua vontade de poder, a vontade de se superar sempre:

Todas essas morais (...) pequenas e grandes artimanhas e prudências, cheirando a velhos remédios caseiros e sabedoria de velhotas; todas elas barrocas e irracionais na forma – porque se dirigem a “todos”, porque generalizam onde não pode ser generalizado (...) na verdade é, diga-se mais uma vez, diga-se três vezes, prudência, prudência, prudência, mesclada com estupidez, estupidez, estupidez. (NIETZSCHE, 2005, p. 84)

Há, segundo o filósofo, um medo dos homens livres, dos homens nobres. Um medo do caos que seria a possibilidade de se ter muitos homens diferentes, posto que o poder teria que ser espalhado, dividido, e não mais na mão de uma pequena minoria, por isso a prudência em se estabelecer morais que façam dos homens homens-rebanhos. O mundo ditado pela moral é um “mundo ‘simplificado’, completamente artificial, fabricado, falsificado.” (NIETZSCHE, 2005, p. 29, grifo do autor). Note-se que com o niilismo, Nietzsche pretende quebrar paradigmas, os valores instituídos pela moral; todavia, o filósofo, mesmo com a liberdade do niilismo, reforça a ideia de hierarquias entre os homens, ou seja, ele mantém um valor antigo que é estabelecido pelas leis da moral. Assim, como podemos almejar um novo mundo com homens livres se ainda mantermos a casta hierárquica de um valor antigo? De acordo com Blanchot, Nietzsche não pode ser lido como um sistema, as suas ideias não podem ser interpretadas como um só corpo, pertencentes a um só pensamento, mas devem ser interpretadas como uma grande questão que se fragmentou e que se dividiu pelos seus aforismos, não escapando a ideia de contradição entre eles. A obra do filósofo deve ser lida confrontando-se os aforismos, pois a afirmação presente em um somente poderá ser mantida ou derruída pela afirmação ou negação

do aforismo anterior ou posterior, haja vista que o grande corpo discursivo nietzschiano é fragmentado em vários corpos vivos, representados por seus aforismos: “A força incomparavelmente instrutiva desse pensamento está precisamente em alertar-nos para uma coerência que não seja sistemática.” (BLANCHOT, 2007, p. 98)

A ideia do niilismo nietzschiano não pode se realizar no espaço social onde vigoram tantas leis, tantas morais, e onde não há espaço para que elas sejam superadas. Contudo, no mundo literário, o niilismo encontrou um grande espaço para brotar. Lembremos que Blanchot, ao interpretar o mundo literário, diz-nos que uma das suas características é o espaço das várias possibilidades, onde o tudo é possível, onde, também, a coerência em ditar leis e verdades é abominada, posto que no espaço literário nada pode ganhar o status de verdade e de certeza. É própria da literatura a sua existência com a ambiguidade. E Nietzsche, ao elaborar as ideias niilistas, fez um prelúdio do futuro. Um futuro em que o mundo seria construído por novos valores engendrados pelos homens livres, bem como construído pela interpretação do mundo, angariando novos valores que se desvinculariam de verdades absolutas e estancos condicionantes do homem mediano: “que questões essa vontade de verdade já não nos colocou! Estranhas, graves, discutíveis questões!” (NIETZSCHE, 2005, p. 9). A verdade, tanto no texto filosófico quanto no texto literário, é dada como algo questionável e infrutífero; desse modo, não existe espaço para a verdade, mas para questões e prelúdios, até mesmo porque as palavras, mantenedoras de todo e qualquer discurso, são máscaras: “Toda filosofia também ‘esconde’ uma filosofia, toda opinião é também um esconderijo, toda palavra também uma máscara.” (NIETZSCHE, 2005, p. 175, grifo do autor). Mais uma vez a questão da palavra, a sua arbitrariedade para com o referente, a sua incapacidade de se manter num nível objetivo, posto que ela se camufla em sua própria farsa: “eu José Fuente, escrevente, que já ando cansado de ouvir a verdade sem saber quem é que a diz e quem é que mente.” (HILST, 2002, p. 121)¹

A partir desse breve esboço sobre o pensamento niilista de Nietzsche, embarcaremos nas ruínas do texto hilstiano e na confecção deste. Em “Agda I”, o ambiente em que se encontra a escrita, ou melhor, a estrutura formal

1 - A partir daqui as referências às narrativas “Agda I” e à “Agda II” serão indicadas apenas com o número da página entre parênteses.

que origina o discurso hilstiano permanece turvada pelo clima de velhice, onde as perspectivas estão anuladas, quase que coisificadas. Entretanto, em meio a esse desgaste, há no querer da personagem Agda um desejo de guardar-se para algo futuro, algo que fará de seu corpo e dos objetos que a cercam pequenos estratos de sândalos para uma juventude esperada. E mesmo nas intempéries da ruína da escrita, existe, na essência do discurso, a ressalva de que algo irá mudar e renovar. Um prelúdio de novos valores que serão postos no lugar dos antigos e defasados, um novo corpo-Agda, uma nova expectativa de liberdade longeva: “Guarda-te Agda, é tempo de guardar, o fruto dentro da mão, espia apenas.” (p. 17). A velha Agda, lutando contra o tempo, lutando contra o processo de coisificação.

A escrita na nefralgia da sua lentidão ressoa palavras-naftalina: “velha”, “baço”, “velhice”, “ceratose”, “meia-idade”, “gosma”, “vergonha”, dentre outras. No ressoar, o discurso entra num processo rápido de material da velhice, velhice da personagem. E nesta questão, papel fundamental tem o tempo, o tempo como degenerador da narrativa, visto que essa entidade desgasta o corpo da personagem e, por consequência, o corpo da escrita, pois ambas são linguagens. Tem-se que burlar as leis do tempo para que ocorra a renovação e a destruição dos valores antigos. O tempo é o prosseguimento dos valores, é o que faz permanecer e retificar as leis. Ele é processo, continuação, movimento. E para que ocorra a mudança é necessário que o tempo pare, a fim de que ocorra a reflexão dos valores ultrapassados e a colocação em prática dos novos. Há, também, uma outra forma de se escapar ao tempo e de manter a vontade de poder de mudança dentro do espaço da narrativa, pois é dado ao tempo somente a carcaça de Agda e não a sua essência, por isso, por ter a essência discursiva salvaguardada, é que poderemos ter o movimento niilista dentro do interior do corpo narrativo. Os valores presentes na primeira novela são totalmente dizimados para que novos valores se estabeleçam na segunda novela. Assim, da mesma forma como ocorreria na sociedade, em que no ato da consecução do niilismo o que permaneceria de essência seriam os homens, caso semelhante, e comprovável, ocorre na narrativa hilstiana, em que temos presente o movimento niilista e a essência resguardada, Agda.

Desse modo, constatamos uma diferença entre o corpo e a essência.

O corpo é o que pode ser estragado, degradado e corrompido, como ocorre com partes da primeira narrativa quando a personagem se detém em fatos passados, doenças e desejos frustrados; todavia, a essência é o que o tempo não pode macular, sendo, por assim dizer, a força motriz que regerá todo o processo de renovação. A essência escapa do poder do tempo, até mesmo porque o tempo é um tempo da narrativa, criação sua, que por sua vez é criada pela essência de Agda, que nada mais seria do que a própria escrita que não cessará de se renovar e de angariar novos valores, novas oportunidades de composição:

Para o meu corpo um funeral e para a VIDA GRANDE DO DE DENTRO, ESSA INTEIRA VIVA, o quê? Agda é assim: ESSA INTEIRA VIVA não acompanha o corpo, essa é intacta, nada a corrompe, ESSA INTEIRA VIVA tem muitas fomes, busca, nunca se cansa, nunca envelhece. (p. 19)

A “COISA VIVA” é o que movimenta o processo de renovação, é a busca, é o mergulho na destruição dos valores antigos. De acordo com Nietzsche, ninguém “ousou descer às profundezas.” (NIETZSCHE, 2005, p. 27). Porém, no discurso literário, podemos afirmar que há, sim, uma descida às profundezas na elaboração discursiva, principalmente quando estamos nos referindo à escrita de Hilda Hilst, em que a posição do limite é o ilimitável, a quebra de todas as fronteiras e barreiras. E o inteiro vivo que habita a essência de Agda na primeira novela é alimentado pelo amor por um jovem. A paixão pela juventude que se caracteriza, também, como um incentivo ao processo de busca por novos valores: “E outra coisa doutor: a flacidez aqui, perto das axilas, essa essa, exercícios quem sabe? Ele sorri: mangas compridas. Eu sei, mas é o tato, o senhor compreende? Alguém lhe toca, minha senhora?” (p. 19)

Antes da tentativa de renovação do corpo, há um movimento bastante importante de reestruturação da narrativa. O pai de Agda, já velho e moribundo, desejou ter novamente a juventude, para tanto, escolheu o corpo da filha para este intento; todavia, o processo interrompe-se por Agda não aderir a ele, já que teria que deitar-se com o seu pai: “dizias Agda, três noites de amor apenas, três noites tu me darás.” (p. 20). Após o convite do pai,

que se encontrava no sanatório, uma imagem bastante significativa surge no discurso hilstiano: “Te tocou o pulso, adiante, não insistas na paisagem, o muro, os mosaicos, as seringueiras.” (p. 20). Nas últimas quatro palavras tem-se a perspectiva do que seria o ato de renovação e a consequência deste: a paisagem denota a abertura à renovação, o ambiente que deve ser modificado ou preenchido; o muro, representante da deterioração do corpo de Agda e do seu pai, algo de que não se pode escapar, mas que pode ser derrubado, embora sobrem algumas pedras, alguns resquícios; os mosaicos seriam os pedaços do velho imiscuído com o novo; e a seringueira representaria a nova paisagem, a árvore germinada com novos valores, uma árvore que antes não se tinha na paisagem.

Em seu processo de recomposição, Agda não se atém às prerrogativas do niilismo e nem às suas consequências, que foram alertadas por seu pai, pois não há um novo sem a existência de um passado e para que o novo exista é necessária a existência de um velho; ou seja, há no processo niilista essa falha primordial, uma vez que, mesmo abolindo os valores antigos, terá que se voltar ao velho para fazer um novo diferenciado. E é essa questão que se encontra em “Agda II”, a impossibilidade de um movimento niilista completo, por mais que existam novos valores diferentes dos velhos valores. Blanchot, ao interpretar o niilismo nietzschiano, diz-nos que um risco consequente desse processo é o “eterno retorno”: “Nietzsche (ou Zaratrusta) disse com perfeita clareza que, onde o querer se torna liberador, choca-se com o passado.” (BLANCHOT, 2007, p. 110). Na sociedade, uma vez ocorrido o niilismo, as portas se abrirão para o novo, porém, o novo terá reminiscências do passado morto, o que deflagra o retorno ao passado e a não fixação plena das novas ideias. E uma vez liberto o caminho para a renovação, o processo de “eterno retorno” permanecerá e se prolongará toda vez que, não gostando ou não aderindo ao velho, se intentará a mudança. O risco dessa sucessão ininterrupta de valores é a perda total de valores e o vazio de uma existência que não cessará de modificar-se, impossibilitando a sua aderência a um lugar fixo. E nem mesmo o niilismo ficaria fora do seu próprio risco, pois, uma vez colocado em prática, ele será sucessivamente requerido para modificar o já gasto, o já ultrapassado, perdendo a sua essência primordial, que seria dar liberdade e horizontes a um mundo falso,

e não se tornando um jogo vazio de mudanças irrisórias: “O niilismo diz-nos portanto aqui sua verdade última e bastante atroz: ele diz a impossibilidade do niilismo.” (BLANCHOT, 2007, p. 111)

No convite a Agda, no desejo de tê-la e de possuir a juventude, o pai da personagem menciona o passado que terá de ser desenterrado, “novos mortos desenterrados” (p. 21), para que logo após seja esquecido, visto que a renovação ou o processo niilista somente poderá ocorrer no discurso literário se algo estiver barrando a vitalidade e a vontade de poder deste mesmo discurso. E na ruptura com o passado definitivamente, rompendo com o tempo, a eternidade se configurará mais presente, mais possível, com a coadunação dele com a esposa e com a filha; todavia, uma eternidade que está aliada ao “eterno retorno”:

estamos todos nus e uma estupenda alegria, aqui vamos fazer a casa de pedra para que o tempo passe sem vestígios, diremos anda “tempo”, aqui não tens lugar, aqui somos os três, aqueles, “os três de sempre”, não a santíssima trindade de sempre, os outros de carne e adstringência, de sangue e adstringência. De carne. (p. 21, grifos nossos)

Perceba-se que para a renovação é necessário abolir o tempo. Contudo, se o desejo é permanecer na eternidade e não mais mudar é importante suplantar o passado, tornando-se “os três de sempre”, os três sem passado, mas de vida eterna, num mundo construído onde o tempo não existe e nem é quisto. Diz-se que eternidade é o não-morrer, é o eterno presente, já que os fatos radicais de mudança não ocorrem. Entretanto, o que significa dizer: um dia após o outro? O fato de levantar, deitar e levantar novamente? Dessa sucessão de acontecimentos, se prestarmos atenção, o dia após o outro na eternidade nos permite pensar que o dia que se foi é o passado do que se vive hoje, atualmente; a ação de estar deitado e logo após levantar-se permite-nos afirmar que a ação de deitar-se é o passado da de levantar-se, ou seja, o conceito de passado não pode ser abolido, nem mesmo na eternidade, uma vez que os acontecimentos atuais necessitam da existência dos acontecimentos que se foram, sendo um sistema com cordas de aço, inquebráveis:

Os conceitos (...) não são algo fortuito e que se desenvolve por si, mas crescem em relação e em parentesco um com o outro; embora surjam de modo aparentemente repentino e arbitrário na história do pensamento, não deixam de pertencer a um sistema, assim como os membros da fauna de uma região terrestre. (NIETZSCHE, 2005, p. 24)

A própria constituição “mãepaifilha” (p. 21), que tanto almejava o pai de Agda, sugere que os tempos estejam querendo se tornar um só; entretanto, eles já fazem parte de um sistema temporal próprio: pai (passado), mãe (presente) e filha (futuro). A constituição se deflagra falha na tentativa de eternização. Lembremos que no processo de renovação de Agda, na primeira narrativa, a temática do passado não é sequer mencionada. Antes de estudarmos o corpo-velho da personagem, existem mais dois pontos sobre a questão do passado importantíssimos para refletirmos sobre a renovação da escrita. Como havíamos comentado anteriormente, existe uma diferença entre o que seria o corpo e a essência no discurso da personagem: “ESSA INTEIRA VIVA não acompanha o corpo, essa é intacta, nada a corrompe.” (p. 19). Suponhamos que seja verdade a diferença dita por Agda, até mesmo porque ocorre uma diferenciação no processo de renovação em que o corpo-velho destrói-se e a essência permanece. Certo, suponhamos a diferença. Mas, nessa essência não existiria uma memória, já que a essência é o que permanece indestrutível? Em “Agda I”, a questão da memória por meio da personagem não é mencionada, diferentemente do que ocorre com a personagem em “Agda II”.

A renovação do pai de Agda não ocorreu por diversos motivos, sendo um deles a memória. A memória como receptáculo dos valores antigos. O processo de eternidade não surtiu efeito pelo problema da categoria do passado e, agora, mais uma vez, o passado retorna na figura da memória. Segundo o niilismo, para que o processo de liberdade ocorra é imprescindível a destruição dos valores antigos; contudo, lembremos que na feitura de novos valores é importante que se olhe para trás a fim de não repetir os mesmos erros. E é nesse exato momento que o niilismo não ocorre como o esperado, haja vista que os valores passados ainda interferirão nos valores novos. E, voltando à escrita hilstiana, para que ocorra o processo de

renovação satisfatoriamente seria preciso extirpar a memória completamente; entretanto, como se pode esquecer a memória se a mesma faz parte da essência da escrita-corpo de Agda? É por esse motivo que o pai de Agda pede-lhe que arranque a sua memória, que a destrua, pois, caso a personagem não faça isto, ele carregará pesos grandes para a nova vida. Ele, pai de Agda, desejava renovar-se com um corpo novo, mas sem passado, sem ramificações e sem hereditariedades, a fim de que a renovação dos valores surrados se desse completamente, e não em partes:

que é preciso me arrancar a memória, você entende? Que os barcos estão pesados demais, colocaram mil coisas, eu pedi que esvaziassem os barcos e colocaram pedras, cordas, âncoras enormes, assim não posso minha filha, não posso chegar à ilha. (p. 22-23)

E em nenhum momento da novela “Agda I”, a personagem questiona as causas e os ônus do processo de renovação, posto que, movida pela ânsia de trocar de pele escritural, não se deteve nessas questões como o seu pai. As reflexões do pai da personagem nos estimulam a questionar os sonhos. A exorcização dos sonhos é relevante para que se esqueça do que se viveu ou do que se desejou. O sonho é um elo dos desejos passados, das vivências do presente e das ideias de futuro. Caso não seja completamente exorcizado da mente daquele que se propõe abolir os valores antigos em favor dos novos, os sonhos, bem como a memória e o passado, influirá no processo niilista, posto que esse processo será prejudicado por não ser executado totalmente:

Agda, os sonhos, é preciso me arrancar os sonhos, à noite uma outra vida, uma vida de outros começa a acontecer, me chamam de muitos lados nesses sonhos (...) Agda diga à sua mãe que ela diga ao médico que os sonhos e a memória devem ser devorados. (p. 23)

A última reflexão do pai de Agda concentra-se na questão do espelho. Do modo como ele desejava a renovação, tudo que a ele fosse capaz de duplicá-lo ou de lembrá-lo que existe um passado é negado. O espelho, além de duplicá-lo, “esse existir multiplicado acrescentava peso a esse-único-eu” (p. 26-27), de fazer com que ele reflita que o ser de agora não é

mais o ser de antes e nem o será amanhã, “a cada manhã o outro não era o mesmo, entendes?” (p. 27), faz com que ele se veja como um ser decrépito, amplificando o seu pessimismo, “quantas vezes cuspi sobre esse outro, esfreguei a merda naquela cara.” (p. 27). E recordemos que o espelho é um convite à entrada do tempo e de suas leis coisificadoras, “tentando atravessar o espesso, ele e seu inútil calendário.” (p. 27)

No auge da desvalorização que o pai de Agda empreende a si mesmo pelo fato de não conseguir renovar-se sem pensar no ônus que seria a labuta diária do novo contra o velho, o seu ser, cada vez mais, torna-se pessimista, optando por um só caminho, a entrega ao tempo. O que o leva à descrença é não se saber feito metade corpo e metade essência, visto que para ele não há metades, mas um todo. Segundo o pai da personagem, a renovação deveria ocorrer no corpo de agora, e não na destruição deste corpo para a feitura de um outro corpo desconhecido. Essa mentalidade é coerente com o discurso daqueles que estão presos a valores antigos, valores pertencentes a um mundo gasto e decrépito, que, assim como eles, irá ruir: “e a boca vou abri-la bem para que tu vejas (...) roeram-me os dentes (...) nada mais é o meu corpo, nada mais é eu, nunca fui nada porque se o fosse, hoje não seria este corpo-nada” (p. 25). Lembremos Nietzsche ao referir-se ao pessimismo: “o grau de desgosto que a vida alcançou neles poderia ser medido pelo quanto desejavam vê-la falseada, diluída, idealizada, divinizada.” (NIETZSCHE, 2005, p. 57)

E mesmo o ato de renovação que conjecturaria e construiria um mundo novo não estaria a salvo de imperfeições, como veremos em “Agda II”. Uma das imperfeições do novo refletir-se-ia na existência altissonante do passado, fato este que move o mundo literário da personagem na primeira novela, posto que valores antigos deveriam ser derruídos em favor de novos modelos, porém, mesmo com a renovação, o passado se faz presente. Entretanto, o que o pai de Agda desejou foi um mundo perfeito, idealizado, e por isso mesmo falso e diluído. Todavia, antes de ceder o seu corpo ao tempo, ele repassou a Agda o segredo da renovação, a busca pela terra brilhosa, para que, quando a filha fosse procurá-la, a mesma pudesse, em contato com a terra, conhecer a si própria, a fim de poder renovar-se mesmo com os ônus, os quais veremos em “Agda II”:

então escuta: longe da casa grande, perto da casa dos porcos tem uma terra dourada, na segunda estaca, na cerca da direita, cavas. Descobri muito tarde, não deu tempo (...) engole a terra dourada, engole, (...) mais tarde quando estiveres velha põe um punhado na mão e o objeto-demônio-abominável vai-te mostrar outra cara, retrocesso, terra carpida. (p. 27-28)

Embora Agda não refletisse sobre as categorias do passado e nem nelas se detivesse, a personagem deseja ver tudo como se estivesse observando pela primeira vez, ratificando, mesmo que inconscientemente, o processo do “eterno retorno”: “Vontade de ver tudo de novo, ver, tocar pela primeira vez. Não as primeiras carícias, nem as segundas, a primeira.” (p. 25). Um processo que não deixa de se configurar como o grau máximo do niilismo: “eis o eterno retorno – a forma mais extrema do niilismo.” (NIETZSCHE *apud* BLANCHOT, 2007, p. 111). Era cara ao filósofo a ideia de “eterno retorno” ser parte do movimento niilista. Não podemos invalidar as conjecturas de Nietzsche por esse motivo, afirmando que o “eterno retorno” aniquilaria o niilismo e que a ideia do filósofo fosse tautológica. Nietzsche observa no movimento niilista a única salvação do mundo degradado, pois teria, sim, que quebrar os valores tornados coisas para erguer novos; contudo, todo movimento tem o seu ônus e o ônus do niilismo seria o “eterno retorno”, a possibilidade de o novo estar sempre em contato com o já passado, voltando, praticamente, para si mesmo:

O querer que quer o nada [a destruição dos valores antigos em favor dos novos] torna-se a vontade querendo a eternidade [o “eterno retorno”] e na qual a eternidade sem querer e sem finalidade [uma vez que aberta o movimento do niilismo, sempre se poderá mudar, e nisso a real finalidade do movimento se perde] retorna a si própria. (BLANCHOT, 2007, p. 111, as explicações nos colchetes são nossas)

Após depararmos com o ônus do processo niilista, cabe, agora, uma reflexão mais demorada sobre o corpo-velho de Agda. No contexto do discurso do mofo, antes da ruína total dos valores para poder surgir uma nova escrita, salientando que não há morte, mas uma reestruturação do que antes existia, permanecendo a essência do discurso, a escrita intenta incorporar

à sua matéria já gasta elementos revigorantes, detentores dos alabastros da beleza que possam deter o processo de ruína ou de coisificação do discurso. Alguns elementos de vitalidade são anexados ao discurso gasto. Porém, essa tentativa, uma tentativa de mascaramento, encobre somente por alguns instantes o desgaste do discurso, que é a extensão do corpo-velho de Agda: “você pode me fazer a bainha desta saia? E se der tempo coloca um friso dourado aqui, olha já comprei, fica bem não é?” (p. 18). O processo inicial de renovação do discurso dá-se em pequenas estruturas do corpo da escrita. E se notarmos bem, o início do processo está no adorno, no enfeite, e não na modificação do corpo. E se o corpo da personagem não se modifica, o processo de coisificação do discurso não para, posto que ainda teremos o processo de desgaste. É necessário o abandono completo dos valores antigos: a perda do tempo, a perda de pessoas próximas e a perda das memórias antigas. O primeiro texto deverá ruir para que dessas ruínas nasça o segundo texto, “pois não se pode construir o universo sem ter a possibilidade de destruí-lo.” (BLANCHOT, 2007, p. 107)

E quando a escrita de “Agda I” percebe que a atitude de mascaramento é falha, incapaz de deter a ruína de seu discurso, há um movimento de parada para que se possa voltar às rotinas comezinhas, na tentativa de se pensar num outro movimento que estanque a degeneração: “Ah sim vou limpar o pátio vou por água nos cactos, ai sim meu Deus é preciso esquecer o tato, o adorno, as argolas de ouro, é preciso esquecer, esfaqueia a memória, não nunca sentiste nada e muito menos agora.” (p. 18). Não podemos esquecer que o amor por um jovem é, também, um modo de mascaramento, visto que é uma tentativa de Agda incorporar ao seu corpo o corpo-escrita do jovem de 20 anos através do sexo. O sexo como modo de renovação: “tua mão ensolarada sobre o meu corpo de sombra.” (p. 18). Contudo, o contato do novo com o velho gera duas conseqüências: o rejuvenescimento do velho ou a deterioração do novo. Agda, refletindo sobre a possibilidade de deteriorar o corpo do jovem amado, pedi-lhe que não a toque mais: “não não deves tocar, não maltrates a luz essa que sai dos teus dedos, NUNCA MAIS deverei ser tocada.” (p. 19). Desse modo, sem os adornos e sem o corpo do amado, resta a Agda somente o movimento niilista, metaforicamente representado por esta passagem: “Agora será sempre o abismo, espio lá no

fundo, o que há no fundo? Securas, tudo consumado. Nunca mais.” (p. 18). Os processos relativos a essa escrita estão praticamente consumados, não havendo mais a força viril que a movimentasse, uma vez que a essência dessa escrita se vê impotente.

E somente os abismos do que eram podem ser vislumbrados, posto que, no olhar sobre o nada, a escrita se destruirá, refazendo-se através de seus escombros, angariando uma nova roupagem de valores, a partir de um movimento centrípeto, haja vista que “nosso ânimo de aventura, nossa curiosidade aguda e requintada, nossa mais sutil, mais encoberta, mais espiritual vontade de poder e superação do mundo, (...) adeja e anseia cobiçosa pelos reinos do futuro.” (NIETZSCHE, 2005, p. 119). A escrita de “Agda I” vislumbra uma possibilidade de futuro eterno, pois se refará sempre que o seu discurso beirar a degeneração completa, diferenciando-se das outras modalidades de discurso que buscam as verdades indubitáveis e um sistema de poder consolidado.

Na destruição de sua arquitetura lodosa, Agda se posta diante da terra do seu chiqueiro e começa a cavar de uma forma desenfreada na busca da terra dourada, denotando, simbolicamente, o movimento visceral da busca por um outro texto e a destruição do já velho, do já deteriorado: “CAVO. Constância. Fundura de luz braçadas. De quanto? Caracóis. Lodo na cara. Tenho ares de alguém semi-sepulto.” (p. 29). Nesse movimento quasímido, o corpo de Agda irá se corroendo, aliando-se à massa do lodo, às agruras da terra, mastigando-se e mastigando a terra, conhecendo-se matéria convalescente. Nesse estágio de autoconhecimento, Agda consome a si própria, indo às profundezas da própria destruição. Vale lembrar que a destruição comporta certos valores antigos, as reminiscências de seu corpo velho, até atingir um movimento embrionário discursivo, originando um corpo novo e uma nova arquitetura discursiva:

Agora sim, vou me conhecendo com esse lodo na cara, mastigando a mim mesma, cera esbraseada consumindo meu corpo, consumindo-me e conhecendo-me sem nojo, goela escancarada, lívida alquimista, vai Agda, mais para o fundo. (p. 30)

No processo de depuração de si mesma, a essência da personagem, que habita o velho corpo de Agda, é dada ao poço. O poço que será a passagem metafórica do velho para o novo: “sem que tu saibas o teu corpo é crivo, minúsculos orifícios mil e um separando o que vale, degustando, e deixando escorrer o outro para o poço.” (p. 30). No caminhar para o poço, a essência de Agda diz: “e nunca mais ninguém vai me TOCAR, NUNCA MAIS NUNCA MAIS.” (p. 30). Essa fala comporta duas leituras: a primeira está em entender que nunca mais o corpo-velho será tocado, uma vez que, ao se tornar jovem, o corpo velho não mais existirá; a segunda refere-se à vontade da personagem em nunca mais desejar ser tocada profundamente, apenas superficialmente, como observamos na Agda da segunda novela.

O movimento niilista que encerra a primeira narrativa hilstiana, “Agda I”, para fazer surgir a segunda narrativa, “Agda II”, somente ocorreu porque no espaço literário não há morte, mas a impossibilidade da morte, como salienta Maurice Blanchot: “Nesse ponto, ela (literatura) simpatiza com a obscuridade, com a paixão sem objetivo, a violência sem direito, com tudo o que, no mundo, parece perpetuar a recusa a vir ao mundo” (BLANCHOT, 1997, p. 318). E essa não-morte deve ser compreendida como a propulsora das possibilidades que cercam a literatura, bem como a mantenedora da ambiguidade, que é a base do texto literário, abolindo as verdades estanques e qualquer forma de poder que queira impregnar-se em seu discurso. O processo de renovação iniciado em “Agda I” concretiza-se na novela “Agda II”. E se a personagem pouco ou nada se indagou a respeito do processo que estava ocorrendo em seu redor na primeira narrativa, o novo-corpo-Agda indagará e porá em questão esse processo e muitos outros.

Abstract

In the space of the narrative, the writing-body, represented by the character Agda, desires a new discursive apparel before turning itself into a useless and out-of-date thing; this desire, however, of giving up the old to acquire the new carries an obligation: the eternal return, which represents the essence and the impossibility of the nihilism, and also the impossibility of death in Hilda Hilst's writing. Thus, this paper analyses the first narrative, “Agda”, from the book **Kadosh**, by Hilst, considering the nietzschean idea of nihilism, since the proposal of renova-

tion from the destruction of old values may be observed in this text.

Key words: Hilda Hilst; Nihilism; Writing; Death; Maurice Blanchot.

Referências:

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita 2: A experiência-limite**. São Paulo: Escuta, 2007.

BLANCHOT. **A parte do fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HILST, Hilda. **Kadosh**. São Paulo: Globo, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.